

## PRIMEIRO ACTO

### Primeira Cena

*Jardim adornado com bustos dos poetas épicos.  
À boca de cena, do lado direito, Virgílio; do lado esquerdo,  
Ariosto.*

A Princesa. Leonor.

PRINCESA:

Olhas para mim e sorris, Leonor,  
Depois para ti, e voltas a sorrir.  
Que se passa? Abre-te a uma amiga!  
Pareces séria, e ao mesmo tempo alegre.

LEONOR:

5      É com prazer, Senhora, que nos vejo  
Aqui às duas em trajés campestinos.  
Temos este ar de pastoras felizes,  
E feliz é a nossa ocupação.  
10      Tecemos coroas. Esta, de flores garridas,  
Cresce cada vez mais em minhas mãos;

Tu, mais sensata, de coração mais nobre,  
O delicado loureiro foste escolher.

PRINCESA:

Estes ramos que fui tecendo, absorta,  
Logo encontraram uma digna cabeça:  
15 Grata os deponho na frente de Virgílio.

*Coroa o busto de Virgílio.*

LEONOR:

E eu ponho a minha coroa jovial  
Na egrégia frente de mestre Ludovico.  
(*Coroa o busto de Ariosto.*)  
Ele, cuja verve nunca se apaga,  
Sentirá já a nova primavera.

PRINCESA:

20 É muita bondade de meu irmão  
Ter-nos trazido tão cedo para o campo;  
Temos tempo para nós e, horas sem conta,  
Sonhar com a idade de ouro dos poetas.  
25 Gosto de Belriguardo, pois passei  
Aqui belos dias da mocidade,  
E este verde novo e este sol  
Fazem-me regressar a esse tempo.

LEONOR:

Há um mundo novo que nos envolve!  
A sombra destas árvores sempre verdes  
30 É já um bálsamo. De novo nos deleita  
O marulhar das fontes, e baloçam  
Na brisa da manhã os ramos novos.  
Dos canteiros as flores olham para nós

35 Amáveis, com seus olhos de criança.  
Confiante, o jardineiro destapa  
A estufa de limões e laranjeiras,  
Lá em cima descansa o céu azul  
E no horizonte, nas montanhas distantes,  
Já se dissolve a neve em leves brumas.

PRINCESA:  
40 Bem-vinda me seria a primavera  
Se da amiga não viesse privar-me.

LEONOR:  
Não me lembres, nestas horas felizes,  
Oh, Princesa, que terei de partir!

PRINCESA:  
45 Tudo o que aqui deixares encontrarás  
Redobrado lá na grande cidade.

LEONOR:  
Do esposo há tanto tempo separada,  
O dever me convoca e o amor me chama.  
Levo-lhe o filho, que neste último ano  
Tanto cresceu e tanto se instruiu:  
50 Partilharei a paterna alegria.  
Grande é Florença e majestosa, é certo,  
Mas o valor dos tesouros que juntou  
Não se compara às jóias de Ferrara.  
O povo fez cidade aquele burgo,  
55 Ferrara fez-se grande com seus príncipes.

PRINCESA:  
Mais pelos homens bons, que o acaso aqui  
Quis reunir e a sorte aproximou.

LEONOR:

Depressa o acaso espalha o que juntou.  
Um homem nobre atrai espíritos nobres  
60 E a si os prende, como vós fazeis.  
Teu irmão e tu souberam reunir  
À vossa volta almas que vos honram,  
E ambos sois dignos de vossos avós.  
Aqui brilhou a luz serena e bela  
65 Da ciência, do livre pensamento,  
Quando em pesadas trevas a barbárie  
O mundo mergulhava. Era eu criança,  
E já os meus ouvidos conheciam  
Os nomes de Hércules e Hipólito d'Este.  
70 Meu pai enaltecia já Ferrara  
A par de Roma e Florença. E eu própria  
Para aqui desejei vir; e aqui estou.  
Aqui Petrarca foi acolhido, amado,  
E Ariosto encontrou seus modelos.  
75 Não há em toda Itália um grande nome  
Que desta casa não tenha sido hóspede.  
Acolher génios sempre compensou:  
Dás-lhes a prenda da hospitalidade,  
E deixam-te um presente ainda mais belo.  
80 O solo que um homem grande pisou  
É sagrado: nele ecoam as palavras  
E os actos que para os séculos deixou.

PRINCESA:

Se o século os sentir como tu sentes!  
Quantas vezes te invejo esse teu dom.

LEONOR:

85 Dom que tu, como poucos, bem conheces,  
Serenos e puros. Se este meu coração

Me leva a dizer logo o que em mim sinto,  
Já tu sentes melhor, mais fundo — e calas.  
Não te deixas cegar por ilusões,  
90 Não te corrompem graças, e a lisonja  
Com suas artes em vão se chega a ti:  
Tens seguro o sentido, o gosto certo,  
Recto é o teu juízo, e participas  
Da grandeza, que como a ti conheces.

PRINCESA:  
95 Não emprestes a tanta adulação  
A roupagem de uma estreita amizade.

LEONOR:  
A amizade é sincera, e mais não faz  
Que reconhecer todo o teu valor.  
E permite que à sorte e à fortuna  
100 Atribua parte do teu saber,  
Que o tens, ao fim e ao cabo, e o mundo sabe  
Que a ti e a tua irmã terá de honrar  
Entre as grandes mulheres do vosso tempo.

PRINCESA:  
Tudo isso, Leonor, pouco me toca,  
105 Quando penso no pouco que nós somos,  
E o que somos, aos outros o devemos.  
As velhas línguas e o que de melhor  
O mundo antigo nos deixou, devo-o à mãe;  
Mas nenhuma das suas duas filhas  
110 Em saber e bom senso a igualou;  
E se alguma de nós aos calcanhares  
Lhe chega, essa é sem dúvida Lucrecia.  
E asseguro-te também que jamais eu  
Vi como privilégio ou posse minha